Batatas fritas congeladas – países selecionados

Balanço de oferta e demanda – 1998/99 (p) – em toneladas

Item	*Estados Unidos*	*Holanda*	*Japão*	*Canadá*
Estoque inicial	473.585	0	0	45.000
Produção	3.400.000	1.300.000	32.000	900.000
Importação	415.000	40.000	270.000	30.000
Exportação	450.000	1.140.000	0	500.000
Consumo interno	3.250.000	200.000	302.000	435.000
Estoque final	588.585	0	0	45.000

Fonte: Usda, fev. 1998.
(p) Previsão.

se das empresas no mercado externo. Têm ocorrido grandes investimentos em novas plantas industriais nas províncias ocidentais do país, com forte interesse de empresas tanto estrangeiras quanto nacionais na instalação de tecnologia de ponta visando ao aumento da competitividade do produto final no mercado externo.

A Holanda também chama a atenção no segmento de batatas fritas congeladas. O país apresenta a segunda maior produção mundial, com 1,3 milhão de toneladas, e quase 90% desse volume é destinado à exportação. Seus mercados têm sido outros países europeus (que realizam 90% das compras), o Oriente Médio e a América Latina.

O segmento apresenta peculiaridades, como por exemplo um crescimento às vezes dificultado por aspectos específicos da política agrícola interna dos países. É o caso do Japão, onde o consumo de batatas fritas congeladas cresceu 13% em termos acumulados desde a temporada 1996/97, devido ao rápido aumento do número de lojas ligadas às redes internacionais de alimentação especializadas em *fast-food*. Apesar disso, a produção japonesa de batatas fritas congeladas vem declinando paulatinamente nos últimos anos: menos de 3% da colheita interna do legume se destinou à transformação industrial na temporada 1997/98. Isso acontece porque os produtores japoneses lucram mais vendendo o produto fresco para consumo do que nas vendas a empresas transformadoras. Sorte dos norte-americanos, já que a quase totalidade das importações japonesas de batatas fritas congeladas provém dos EUA – atualmente 52% de toda a sua exportação.

E-mail: iragtroc@fgv.br

Conjuntura

CAFÉ

O bom café do Brasil

O café brasileiro deu a volta por cima: em fevereiro bateu recorde histórico de exportação

Rogério Ferreira de Souza

Tudo indica que 1999 será um excelente ano para a cafeicultura brasileira. O aumento do volume exportado nos três primeiros meses do ano vem animando o setor, que desde o fim de 1998 reage com crescimento e conquista de novos mercados.

Fevereiro foi considerado um recorde histórico para o período. Foi exportado um total de 1,85 milhão de sacas de 60kg, gerando uma receita cambial de US$208 milhões. Comparado a janeiro, constata-se um crescimento de 32%, e em relação ao mesmo período do ano passado um crescimento ainda maior: 94%.

De acordo com o desempenho dos dois primeiros meses de 1999, o produto acumulou uma receita cambial de US$378 milhões, cerca de 2% superior ao mesmo período do ano passado. A Febec estimava um desempenho para março em torno de 1,7 milhão de sacas de 60kg exportadas, com receita cambial de US$200 milhões. O resultado de março ficou acima do estimado pela entidade. Foram exportadas 2,078 milhões de sacas e a receita cambial foi de US$226,28 milhões, o maior volume desde novembro de 1991. Para 1999, a previsão é de que o desempenho da cafeicultura brasileira fique em torno de US$2,4 bilhões. Confirmadas as estimativas, o setor repetiria a ótima *performance* de 1998.

O bom resultado auferido nesses três primeiros meses do ano corresponde à conjunção de alguns fatores, com destaque para a desvalorização cambial, ocorrida em meados de janeiro deste ano, e os efeitos da retração da oferta dos países exportadores da América Central, entre eles, Colômbia, Guatemala e El Salvador, em conseqüência do furacão Mitch. A Colômbia apresentava alguns índices significativos de aumento das exportações, porém há sinais de reversão de tendência de dezembro de 1998 a janeiro deste ano, quando as exportações colombianas assinalaram uma redução de 8% no volume exportado.

Com a redução da oferta mundial, o Brasil passou a ser o maior ofertante, aumentando a sua participação no comércio mundial de 21% para 24% em janeiro de 1998 e fevereiro deste ano. Segundo dados da Organização Internacional do Café (OIC), em janeiro a participação brasileira no mercado mundial foi ainda mais expressiva, passando de 15% para 26%, enquanto todos os outros países somados sofriam queda de 17% e o Brasil aumentava suas vendas de café verde e solúvel em 70%.

Esse desempenho mostra que o Brasil é o único país produtor-exportador com possibilidade de sustentar a demanda mundial, pois possui estoques consideráveis, para a atual conjuntura do comércio mundial de café, de 11 milhões de sacas de 60kg, sendo 2 milhões da iniciativa privada.

No que se refere ao aumento da competitividade do café brasileiro, o efeito da desvalorização da moeda nacional foi imediato e ficou bem claro nesse mês de fevereiro. Os EUA obtiveram um acréscimo de 310% em suas exportações, a Alemanha de 137% e a Itália de 26%, comparados com o mesmo período do ano passado.

Esse aumento da competitividade gerou euforia e ao mesmo tempo temor aos agentes exportadores, cujos registros de exportações para o período de fevereiro a abril já somam 6 milhões de sacas de 60kg. Os agentes aceleraram os pedidos de registro, por conta da expectativa de uma possível imposição do governo – impostos sobre as exportações de café via ICMS ou o estabelecimento de cota de contribuição. Ambos seriam desestimulantes para o setor, já que o Brasil está em posição privilegiada em relação aos demais concorrentes. Sua competitividade é maior em razão da diferença cambial e de ser o único a possuir estoques consideráveis nas mão do governo.

Exportado um total de 1,85 milhão de sacas de 60kg em fevereiro, gerando uma receita cambial de US$208 milhões. Em relação a janeiro, um crescimento de 32%, e em relação ao mesmo período do ano passado, crescimento ainda maior: 94%.

No que diz respeito às exportações de café solúvel, apesar de o Brasil ter aumentado em 6% seu volume exportado para os EUA, sua participação em relação ao total importado por esse país caiu de 29% para 26%. A principal razão foi o aumento das vendas do Canadá e do Equador.

E-mail: roger@fgv.br

Conjuntura

INDICADOR DO MILHO FGV/BM&F

Motivos para alta

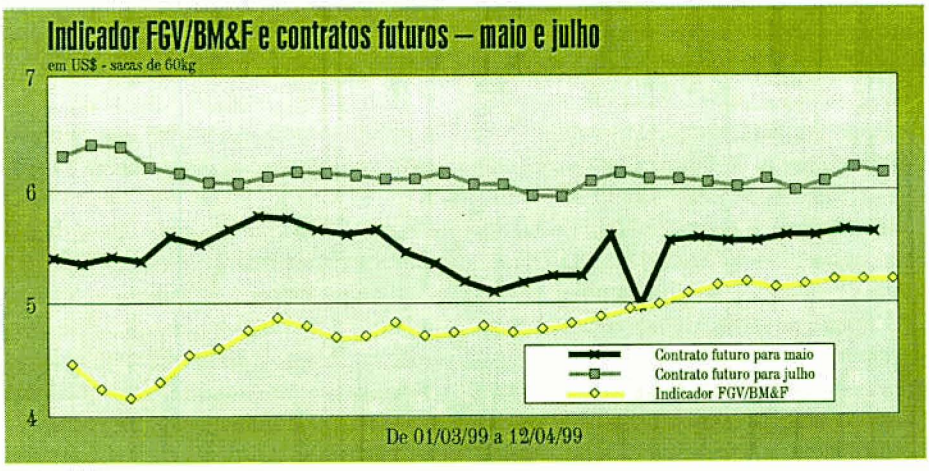
O mercado do milho ensaia uma mudança para cima no comportamento dos preços

Rogério Ferreira de Souza

Com a intensificação na colheita da soja e a logística de transporte e armazenagem voltada para esse produto, os vendedores diminuem a disponibilidade do produto.

Os contratos futuros negociados na BM&F no curto e médio prazos (maio-julho) apontam para um cenário altista em relação ao mesmo período do ano passado. A média do indicador FGV/BM&F em maio de 1998 foi de R$9,00. Para este ano, os agentes atuantes no mercado futuro de milho apostam em preços superiores, algo em torno de R$9,30/9,40, contando com uma taxa de câmbio constante. Caso se confirmem os preços projetados no contrato para entrega no final de maio, a variação significaria um aumento de 9% comparativamente ao mesmo período do ano passado.

No médio prazo, os agentes acreditam em altas ainda maiores. Os contratos para entrega em julho deste ano apresentam variação de alta em torno de 26%. O preço médio do indicador FGV/BM&F em julho de 1998 foi de R$8,44. O contrato futuro para entrega em julho deste ano indica preço entre R$10,6 e R$10,70. Preços extremamente elevados, que os agentes do mercado de milho justificam baseados em alguns fatores importantes: safra de verão aparentemente menor 0,8% em relação à safra passada, possível redução na área plantada para a colheita da safrinha em detrimento de preços melhores para a cultura do trigo e dificuldade no processo de importação do milho, em virtude de um câmbio valorizado.



E-mail: roger@fgv.br